



Dissenso e coautoria na argumentação multimodal colaborativa: Tensões discursivas na formação docente

Milena Maria Nunes de Matos Carmona

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil

orcid.org/0009-0000-7142-6031

Luciana Kool Modesto-Sarra

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil

orcid.org/0000-0002-7597-6484

Em um contexto marcado pela intensificação de desigualdades e pela circulação de discursos que naturalizam violência e exclusão, torna-se urgente compreender o papel da argumentação na formação crítica e engajada. Este artigo analisa como a argumentação multimodal colaborativa se constitui como prática formativa em uma reunião de planejamento do Projeto Brincadas, realizada em maio de 2024, com pesquisadores do Grupo LACE. O quadro teórico articula a perspectiva do Multiletramento Engajado (Liberali, 2022) e da argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2019) com abordagens discursivas da argumentação (Piris, 2015; 2024; Azevedo, 2016), em diálogo com a pedagogia crítica e emancipatória de Freire. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa de caráter intervencionista baseada na análise de interações registradas em vídeo. As categorias analíticas incluem *ethos*, *pathos*, dissenso argumentativo e mediação discursiva. Os resultados indicam que o confronto de perspectivas constitui condição produtiva para a construção coletiva de significados e para a elaboração de práticas pedagógicas críticas.

Palavras-chave: Argumentação Multimodal Colaborativa. Formação Docente. Multiletramento Engajado. Educação Crítica.

Disenso y Coautoría en la Argumentación Multimodal Colaborativa: tensiones discursivas en la formación docente

En un contexto marcado por la intensificación de desigualdades y la circulación de discursos que naturalizan la violencia y la exclusión, resulta urgente comprender el papel de la argumentación en la formación crítica. Este artículo analiza cómo la argumentación multimodal colaborativa se configura como práctica formativa en una reunión de planificación del Proyecto Brincadas, realizada en mayo de 2024 con investigadores del Grupo LACE. El marco teórico articula la Multiliteracidad Comprometida (Liberali, 2022) y la argumentación multimodal colaborativa (Liberali, 2019) con enfoques discursivos de la argumentación (Piris, 2015; 2024; Azevedo, 2016), en diálogo con la pedagogía crítica de Freire. Metodológicamente, se adopta un enfoque cualitativo intervencionista basado en el análisis de interacciones en video. Los resultados indican que el disenso constituye una condición productiva para la construcción colectiva de significados y prácticas pedagógicas críticas.

Palabras clave: Argumentación Multimodal Colaborativa. Formación Docente. Multiliteracidad Comprometida. Formación Crítica.

Dissent and Co-Authorship in Collaborative Multimodal Argumentation: discursive tensions in teacher education

In a context marked by the intensification of social inequalities and the circulation of discourses that naturalize violence and exclusion, it becomes urgent to understand the role of argumentation in critical and

engaged education. This article analyzes how collaborative multimodal argumentation constitutes a formative practice in a planning meeting of the Brincadas Project, held in May 2024 with researchers from the LACE Group. The theoretical framework articulates the perspective of Engaged Multiliteracy (Liberali, 2022) and collaborative multimodal argumentation (Liberali, 2019) with discursive approaches to argumentation (Piris, 2015; 2024; Azevedo, 2016), in dialogue with Freire's critical and emancipatory pedagogy. Methodologically, the study adopts a qualitative interventionist approach based on the analysis of video-recorded interactions. The analytical categories include *ethos*, *pathos*, argumentative dissent and discursive mediation. The results indicate that the confrontation of perspectives constitutes a productive condition for the collective construction of meaning and for the development of critical pedagogical practices.

Keywords: Collaborative Multimodal Argumentation. Teacher Education. Engaged Multiliteracy. Critical Education.

Introdução

Vivemos em um contexto histórico marcado por profundas tensões sociais, políticas e econômicas, no qual se ampliam conflitos em diferentes regiões do mundo, frequentemente acompanhados por crises humanitárias e deslocamentos populacionais. Paralelamente, observa-se a intensificação da circulação crescente de discursos polarizados, autoritários e violentos, que atravessam distintas esferas da vida social. No Brasil, esse cenário se materializa também no agravamento de formas de violência estrutural, entre as quais se destaca o aumento expressivo dos casos de feminicídio e de outras formas de violência de gênero.

Esse quadro evidencia a dificuldade de construir espaços de diálogo nas sociedades contemporâneas, nos quais os sujeitos possam expressar seus pontos de vista, aceitar diferenças e construir sentidos de forma mais coletiva. Nesse contexto, a linguagem, em vez de atuar como mediadora de processos democráticos, passa a ser frequentemente mobilizada para reforçar polarizações, silenciamentos e exclusões. Esse cenário coloca em evidência a necessidade de compreender como práticas discursivas podem tanto reproduzir quanto tensionar tais dinâmicas, especialmente em contextos formativos.

Nesse contexto, torna-se urgente problematizar o papel da argumentação nas práticas educacionais. Embora amplamente reconhecida como elemento central para o desenvolvimento do pensamento crítico, a argumentação ainda é frequentemente compreendida de forma restrita, associada à apresentação de razões ou à defesa de pontos de vista predominantemente lógicos e individuais (Grácio, 2013; Tindale, 2024). Essa perspectiva frequentemente desconsidera sua dimensão discursiva, interacional e situada (Gonçalves-Segundo, 2024; Piris; Pinto; Souza, 2019), bem como os modos pelos quais valores, emoções e relações de poder

atravessam os processos argumentativos (Amossy, 2018; Fairclough, 2001; Plantin, 2010).

Em contraposição a essa visão, Liberali (2016) enfatiza a necessidade de compreender a argumentação como prática discursiva socialmente situada, constituída na interação entre sujeitos e mediada por múltiplos recursos semióticos. Nessa perspectiva, em consonância com Liberali *et al.* (2023), argumentar implica negociar sentidos, construir posicionamentos identitários e participar de processos coletivos de significação. Além disso, a argumentação envolve linguagem verbal e também gestos, entonações, expressões corporais e outros modos de significação que compõem sua natureza multimodal.

No campo da educação, essa compreensão amplia as possibilidades de compreender a argumentação como prática formativa, especialmente em contextos voltados à promoção de justiça social. A escola, enquanto espaço institucional privilegiado de formação, pode constituir-se como ambiente de produção de discursos críticos, no qual sujeitos aprendem a problematizar a realidade, posicionar-se diante das desigualdades e participar de processos coletivos de transformação.

Nessa direção, a pedagogia crítica, conforme defendida por Freire (1987), aponta para a necessidade de uma educação orientada à emancipação, fundamentada no diálogo crítico e na construção compartilhada do conhecimento. É nesse horizonte que se insere a noção de argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2016; 2018; 2019; Modesto-Sarra; Liberali, Carmona, 2026), compreendida como prática em que sujeitos constroem sentidos coletivamente por meio da articulação de múltiplos recursos semióticos e da negociação de diferentes perspectivas. Sendo assim, o dissenso passa a ser concebido como elemento constitutivo da produção de conhecimento, o que possibilita o confronto produtivo entre diferentes pontos de vista.

Partindo dessa compreensão, este artigo tem como objetivo analisar como o dissenso e a coautoria se configuram em um episódio de reunião de planejamento pedagógico do Projeto Brincadas, ocorrido em maio de 2024, em uma universidade pública brasileira, com foco na análise microinteracional dos processos de negociação de sentidos em contexto formativo.

Embora estudos anteriores tenham abordado a argumentação em contextos educacionais e a multimodalidade como dimensão constitutiva das práticas discursivas (Kress, 2010; Liberali, 2016; 2018), ainda são escassas as investigações que

examinam, de forma microanalítica, como o dissenso é mediado discursivamente e transformado em processos de coautoria em interações formativas. Nesse sentido, este artigo busca preencher essa lacuna ao focalizar a articulação entre dissenso, mediação discursiva e reorganização da participação.

A análise fundamenta-se em referenciais da argumentação, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Toulmin (2006), Plantin (2008; 2010), Amossy (2005), bem como em estudos sobre multimodalidade (Kress, 2010) e argumentação colaborativa (Liberali, 2016; 2018; 2019).

Sustenta-se que, em contextos formativos orientados pela colaboração crítica (Magalhães, 2014), o dissenso desencadeia reposicionamentos discursivos, reorganiza a participação, redistribui a autoridade enunciativa e viabiliza formas situadas e potencialmente assimétricas de coautoria multimodal.

Ao analisar esse episódio, o artigo contribui para os estudos da interface entre discurso e argumentação e evidencia como tensões discursivas podem constituir-se como motor para a construção coletiva de significados e para a elaboração de práticas pedagógicas críticas.

1 Argumentação e discurso: perspectivas teóricas

Os estudos contemporâneos da argumentação têm enfatizado, de forma crescente, a necessidade de compreendê-la como prática social situada, atravessada por dimensões discursivas, ideológicas e interacionais. Nesse sentido, argumentar envolve processos de negociação de sentidos, posicionamentos identitários e organização das relações entre sujeitos em interação e também disputas de legitimidade, construção de autoridade discursiva e mobilização de valores. Nessa direção, compreendemos a argumentação como uma prática discursiva situada, que se constrói na interação e se manifesta por meio de diferentes recursos semióticos.

Essa compreensão desloca a argumentação de uma abordagem estritamente lógica para uma perspectiva discursiva, na qual os enunciados são produzidos em contextos históricos e sociais específicos. Esse deslocamento dialoga com a tradição da nova retórica, especialmente com as contribuições de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), que destacam o caráter persuasivo e situado da argumentação, orientado para a adesão de um auditório. Nessa linha, a eficácia argumentativa está atrelada à capacidade de mobilizar valores, crenças e referências compartilhadas.

De modo complementar, o modelo de argumentação proposto por Toulmin (2006) contribui para evidenciar a natureza prática e contextual da argumentação, ao considerar que os argumentos se organizam a partir de elementos como dados, garantias e conclusões, sempre ancorados em campos específicos de uso. Esse modelo reforça a ideia de que a argumentação não pode ser compreendida fora das situações concretas em que é produzida.

No âmbito dos estudos discursivos, Piris (2012) destaca que a argumentação deve ser compreendida como fenômeno que articula dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Ao argumentar, os sujeitos mobilizam raciocínios lógicos, valores, emoções e experiências, que passam a compor a tessitura do discurso. Nesse sentido, Plantin (2008) enfatiza o papel constitutivo das emoções na argumentação e questiona a separação tradicional entre razão e afetividade, o que evidencia como o *pathos* participa ativamente da construção dos posicionamentos.

Sob essa perspectiva, conforme argumenta Amossy (2017), a argumentação pode ser compreendida como prática que se realiza frequentemente no dissenso, não necessariamente orientada para a produção de consenso, mas para a explicitação e a negociação de divergências. Nessa perspectiva, o conflito de pontos de vista constitui-se como elemento estruturante dos processos argumentativos.

Nesse sentido, o dissenso é aqui compreendido como condição produtiva que tensiona posições e possibilita a emergência de novos sentidos e favorece a explicitação de valores e a reconfiguração dos posicionamentos dos sujeitos.

Outro aspecto fundamental diz respeito à natureza multimodal da argumentação. Como observa Azevedo (2016), os processos argumentativos se materializam não apenas na linguagem verbal, mas envolvem uma ampla gama de recursos semióticos, como gestos, entonações, expressões faciais e disposições espaciais. Essa compreensão dialoga com os estudos de Kress (2010), que concebem a comunicação como fenômeno intrinsecamente multimodal, no qual diferentes modos de significação contribuem para a construção de sentidos. Desse modo, a argumentação configura-se como um fenômeno multimodal, no qual a articulação entre diferentes modos semióticos contribui para a construção de posicionamentos e efeitos de sentido.

Estudos recentes (Modesto-Sarra; Liberali; Carmona, 2026) evidenciam que a incorporação de múltiplos modos semióticos amplia significativamente as possibilidades analíticas da argumentação, especialmente em contextos educativos engajados.

No que se refere à dimensão colaborativa da argumentação, Gonçalves-Segundo (2024) propõe o conceito de racionalidade colaborativa, segundo o qual a argumentação deve ser compreendida como processo de construção compartilhada de significados. Nessa perspectiva, o dissenso constitui elemento constitutivo do próprio processo argumentativo e favorece o confronto produtivo entre diferentes posições.

Tal compreensão permite avançar para a compreensão da argumentação como prática colaborativa, na qual o confronto entre posições contribui para a construção coletiva de sentidos, ainda que marcada por tensões e assimetrias.

Para fins analíticos, este estudo articula quatro eixos teóricos centrais: (i) a argumentação como prática discursiva situada; (ii) o dissenso como elemento constitutivo das interações argumentativas; (iii) a multimodalidade como materialidade da argumentação; e (iv) a coautoria como efeito interacional e formativo.

Dessa forma, compreendemos a argumentação como prática discursiva socialmente situada, multimodal e colaborativa, que emerge do confronto entre diferentes pontos de vista e possibilita a construção coletiva de novos significados.

Nessa perspectiva, definem-se, neste artigo: (a) o dissenso argumentativo como a explicitação de posições divergentes que tensionam a interação; (b) a mediação discursiva como o conjunto de movimentos que reorganizam o conflito e possibilitam sua continuidade produtiva; (c) a coautoria como efeito interacional emergente da negociação de sentidos, ainda que marcada por assimetrias de participação; e (d) a multimodalidade como a materialidade por meio da qual esses processos se realizam.

2 Argumentação multimodal colaborativa

No campo da educação crítica, Liberali (2016; 2018; 2019) propõe o conceito de argumentação multimodal colaborativa, entendida como processo em que sujeitos constroem sentidos coletivamente por meio da articulação de múltiplos recursos semióticos e da negociação de diferentes perspectivas. Essa proposta amplia o entendimento da argumentação ao integrar dimensões discursivas, multimodais e formativas, situando-a como prática central nos processos educativos voltados à transformação social.

Nesse modelo, a argumentação é concebida como prática colaborativa voltada à construção conjunta de novos entendimentos acerca da realidade social. Essa perspectiva desloca o foco da competição argumentativa para a coautoria discursiva, na qual diferentes vozes contribuem para a produção de significados compartilhados. Estudos recentes (Modesto-Sarra; Carmona; Liberali, 2026) aprofundam essa discussão ao evidenciar que a coautoria discursiva constitui como elemento estruturante da argumentação em práticas educativas engajadas, especialmente quando diferentes sujeitos participam ativamente da construção de posicionamentos coletivos.

Essa concepção dialoga diretamente com a pedagogia freireana, na qual o diálogo é entendido como condição fundamental para a produção de conhecimento crítico (Freire, 1987). Ao problematizar a realidade e confrontar diferentes interpretações sobre o mundo, os sujeitos tornam-se capazes de reconhecer as estruturas de opressão que atravessam suas experiências e de construir coletivamente possibilidades de transformação.

Nesse contexto, o dissenso assume papel central como condição produtiva para a construção de conhecimento. Ao permitir a explicitação de divergências e o confronto de perspectivas, o dissenso cria oportunidades para a reflexão crítica e para a reconfiguração dos sentidos produzidos coletivamente.

Dessa forma, a argumentação multimodal colaborativa configura-se como prática formativa que articula reflexão crítica, ação coletiva e produção compartilhada de sentidos, o que contribui para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira crítica e transformadora em seus contextos sociais.

3 Metodologia

Este artigo insere-se em uma abordagem qualitativa de caráter intervencionista, orientada pela análise de interações discursivas produzidas em contextos de formação docente. A investigação adota, ainda, uma perspectiva microanalítica, voltada à compreensão dos processos argumentativos em sua materialidade discursiva e multimodal, tomando a interação como unidade central de análise.

O estudo integra um conjunto mais amplo de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto Brincadas, iniciativa vinculada ao Grupo Linguagem em Atividades no Contexto Escolar (GP LACE), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(PUC-SP), cujo objetivo é promover processos formativos voltados à compreensão e ao enfrentamento das injustiças e desigualdades em contextos escolares vulnerabilizados.

O corpus analisado neste artigo é composto por excertos de uma reunião de planejamento realizada em 22 de maio de 2024, no formato online, que contou com a participação da coordenadora do projeto e de treze pesquisadores do GP LACE. Esse encontro integrou uma série de quatro reuniões preparatórias destinadas à organização de um evento formativo realizado em 25 de maio de 2024. A reunião analisada possui duração aproximada de duas horas e foi integralmente registrada em vídeo e áudio, o que compõe um acervo mais amplo de dados do projeto.

O recorte analítico concentra-se especificamente na reunião de 22 de maio, por constituir um momento de intensa mobilização argumentativa, no qual emergem tensões relevantes para a compreensão dos processos de negociação de sentidos entre os participantes.

A partir do corpus total das reuniões, foram inicialmente mapeados oito episódios interacionais com potencial argumentativo referentes às quatro reuniões de planejamento realizadas para o encontro de maio de 2024. Para este artigo, selecionou-se um episódio específico, considerando sua densidade de dissenso, a explicitação de posições divergentes e a presença de movimentos de mediação discursiva.

Durante essa reunião, os pesquisadores discutiram os encaminhamentos pedagógicos das atividades a serem desenvolvidas no encontro formativo, incluindo a leitura dramatizada dos contos *Muribeca* e *Darluz* (Freire, 2000; 2003), a elaboração de performances e a organização dos participantes em grupos temáticos para aprofundamento das discussões. O planejamento dessas atividades estruturou-se a partir das etapas de imersão, emersão e inserção, propostas no âmbito do Multiletramento Engajado (Liberali, 2022), perspectiva que orienta as ações formativas do Projeto Brincadas.

Os dados foram produzidos por meio de gravações em vídeo e registros fotográficos realizados durante a reunião, com autorização dos participantes e em conformidade com os princípios éticos da pesquisa em ciências humanas. Posteriormente, foram organizados e integrados ao acervo de pesquisa do Projeto Brincadas. Os registros foram sistematizados de modo a preservar a temporalidade

da interação e permitiram a análise articulada entre fala, imagem e dinâmica interacional.

A seleção dos excertos considerou episódios em que se observa a emergência de dissensos argumentativos, especialmente em momentos nos quais diferentes concepções sobre o papel do currículo escolar entram em confronto. Os critérios de seleção incluíram: (i) a explicitação de posições divergentes entre participantes; (ii) a presença de marcas linguístico-discursivas de confronto; e (iii) a mobilização de recursos multimodais relevantes para a construção dos posicionamentos.

O episódio focalizado neste artigo envolve a interação entre duas pesquisadoras que apresentam posições divergentes acerca da abordagem da pobreza na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), o que desencadeou um processo de negociação de sentidos no grupo.

A análise orienta-se por uma perspectiva discursivo-argumentativa e desenvolve-se em três movimentos complementares. Inicialmente, procedemos à identificação dos momentos de tensão argumentativa, caracterizados pela explicitação de posições divergentes entre os participantes. Em seguida, analisamos os recursos discursivos e multimodais mobilizados na construção dos argumentos, incluindo escolhas lexicais, entonações, gestualidades, olhares e movimentos corporais. Nesse processo, consideramos também pausas, sobreposições de fala e variações prosódicas como elementos constitutivos da materialidade argumentativa.

Por fim, examinamos os processos de mediação discursiva que possibilitam a reconfiguração dos sentidos produzidos coletivamente ao longo da interação. A análise busca, ainda, evidenciar como diferentes modos semióticos atuam na produção de efeitos argumentativos e compreende a multimodalidade como dimensão constitutiva, e não acessória, das interações.

As categorias analíticas mobilizadas incluem *ethos*, *pathos*, dissenso argumentativo e mediação discursiva, compreendidas como dimensões que permitem analisar a construção de posicionamentos, a mobilização de valores e a negociação de interpretações no interior das práticas discursivas. Essas categorias dialogam com a tradição dos estudos da argumentação e com perspectivas contemporâneas que reconhecem a centralidade da multimodalidade e da interação na produção do discurso.

Desse modo, analisamos de que maneira o confronto entre diferentes perspectivas se configura como recurso produtivo para a construção coletiva de

significados e para a organização dos encaminhamentos pedagógicos no contexto formativo investigado.

4 Dissenso e coautoria na prática argumentativa

A interação analisada revela um momento particularmente significativo do processo formativo, no qual diferentes concepções de currículo, linguagem e justiça social entram em confronto na reunião de planejamento. Mais do que uma divergência pontual de opiniões, o episódio evidencia a emergência de um dissenso argumentativo que se constrói na materialidade linguístico-discursiva e multimodal da interação e torna visíveis diferentes regimes de interpretação, valores e posicionamentos ético-políticos em disputa (Azevedo, 2016; Gonçalves-Segundo, 2024).

Para fins analíticos, o episódio foi organizado em três momentos interacionais, a saber: (i) a emergência do dissenso entre as pesquisadoras, discutida a partir do Quadro 1; (ii) a mediação discursiva realizada pela coordenadora do projeto, apresentada no Quadro 2; e (iii) o deslocamento do dissenso para a organização da ação coletiva, analisado no Quadro 3.

Quadro 1 – Emergência do dissenso argumentativo

Shirley: O Sandra... é assim, eu pesquisei a BNCC no meu doutorado né? às vezes a... a BNCC, ela usa algumas metonímias. Ela não vai falar “pobreza”, mas ela vai usar o termo questões sociais, por exemplo. Sandra: Ai Shirley, desculpa. Balela. Política neoliberal. Tem que falar de pobreza sim. Tem que falar de miséria. Tem que falar o que as pessoas passam.
--

Fonte: Elaborado pelos autores com base no acervo do Projeto Brincadas (2024)

A interação inicia-se com a fala da Shirley, que mobiliza sua trajetória acadêmica para sustentar uma interpretação da BNCC (Brasil, 2018). Ao afirmar “eu pesquisei a BNCC no meu doutorado”, a pesquisadora constrói um *ethos* acadêmico e apoia sua argumentação na autoridade de sua experiência científica.

Do ponto de vista linguístico, a construção “eu pesquisei” opera como marcador de experiência e autoridade epistêmica, ao mesmo tempo em que ancora o argumento em um saber legitimado institucionalmente. Trata-se de um movimento de atribuição de credibilidade que orienta a interpretação do enunciado subsequente.

Conforme observa Piris (2012), a construção do *ethos* constitui um recurso central da argumentação, pois permite ao locutor estabelecer credibilidade e

legitimar sua posição discursiva diante dos interlocutores. Nesse caso, a referência à pesquisa de doutorado funciona como estratégia de validação do argumento apresentado e indica que a ausência do termo “pobreza” no documento curricular poderia ser interpretada como resultado de escolhas discursivas indiretas, como o uso de metonímias.

A resposta da pesquisadora Sandra, por sua vez, introduz uma ruptura significativa na dinâmica da interação. Ao afirmar “Balela. Política neoliberal”, a pesquisadora instaura um *pathos* de indignação, marcado por negação categórica e por uma crítica ideológica explícita ao documento curricular.

A estrutura fragmentada desses enunciados — composta por unidades nominais curtas e isoladas — produz um efeito de condensação argumentativa, no qual julgamento e posicionamento são apresentados de forma categórica, sem necessidade de desenvolvimento proposicional. Esse recurso intensifica o impacto do enunciado e contribui para a escalada do dissenso.

O uso do vocativo “Ai, Shirley, desculpa” introduz um movimento de mitigação que antecede a intensificação do confronto e evidencia a complexidade dos movimentos argumentativos. Esse marcador interpessoal, ao mesmo tempo em que sinaliza reconhecimento do outro, não impede a produção de uma ruptura discursiva, revelando a coexistência de cooperação e conflito na interação.

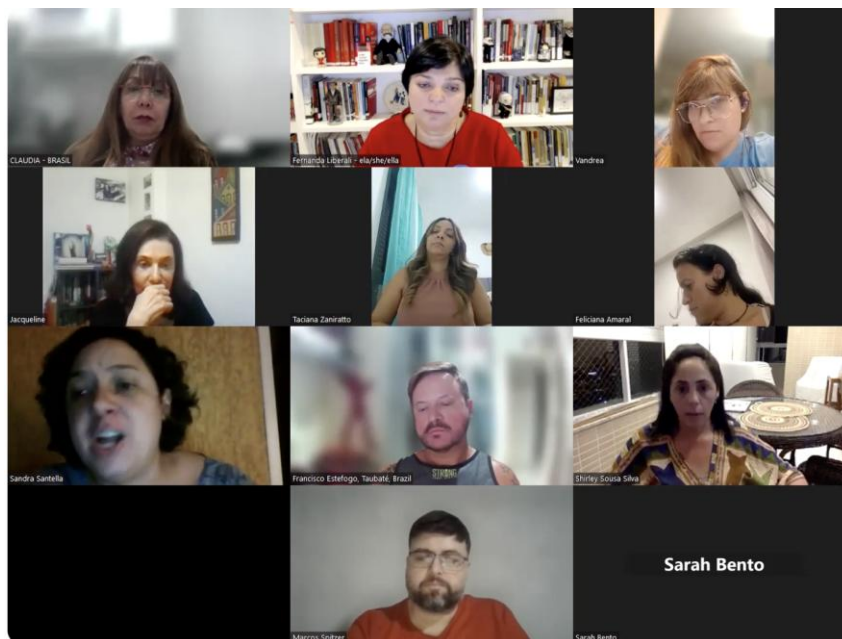
Como argumenta Plantin (2008), as emoções constituem dimensão central do processo argumentativo e orientam a maneira como os sujeitos avaliam situações e constroem seus posicionamentos. Nesse episódio, o *pathos* de indignação opera como mecanismo de intensificação do conflito discursivo, deslocando o debate do plano interpretativo para o plano ético-político.

Além da dimensão verbal, o posicionamento de Sandra também se manifesta por meio de recursos corporais. Conforme registrado na Imagem 1, a pesquisadora aproxima o rosto da câmera quando afirma “Tem que falar de pobreza sim”. Esse gesto intensifica o caráter enfático da intervenção e materializa corporalmente o posicionamento assumido, o que amplia sua força argumentativa na interação (Azevedo, 2016).

Esse movimento de aproximação reconfigura o enquadramento da interação, reduz a distância simbólica entre a participante e os interlocutores e produz um efeito de intensificação da presença discursiva. A articulação entre gesto, proximidade e entonação evidencia como a argumentação se realiza por meio da convergência de

múltiplos modos semióticos (Kress, 2010). A aproximação corporal, nesse contexto, reforça a força expressiva do posicionamento e amplia o impacto da intervenção no grupo.

Imagem 1- Expressão corporal de indignação na fala de Sandra



Fonte: Acervo do Projeto Brincadas (2024)

Nesse momento da interação, o dissenso se explicita como eixo estruturante da dinâmica argumentativa. De um lado, Shirley sustenta uma interpretação discursiva do documento curricular, de outro, Sandra reivindica a necessidade de nomear explicitamente as desigualdades sociais. Nesse sentido, o dissenso reorganiza o campo interacional e instaura um espaço de negociação no qual diferentes racionalidades — técnica e ético-política — passam a disputar legitimidade.

Esse confronto evidencia o que Amossy (2017) denomina argumentação no dissenso, situação em que a argumentação não busca necessariamente produzir consenso imediato, mas tornar visíveis as divergências que atravessam determinado campo social.

Quadro 2 – Mediação discursiva e reorganização da atividade

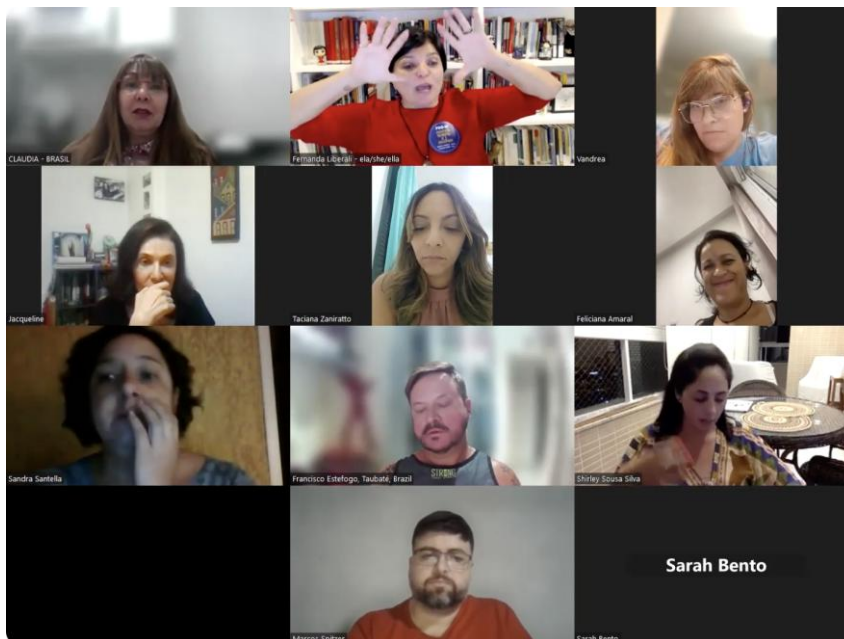
Coordenadora: Tá bom. Tá bom. Não quero perder tempo com a BNCC. Tá bom. Deixa. Vamos deixar a BNCC. Procurem lixo e vamos pelo lixo ou por reciclagem, porque eu acho que em ciências talvez reciclagem, também não tem. Também não tem porcaria nenhuma... A BNCC, gente é um saco, de uma proposta neoliberal a gente já sabe... não adianta... mas a gente vai dar a nossa cara para ela. Ela... ela... a gente vai fazer o que a gente quer fazer.
Shirley: Aí, coloca um descritor desse tamanho.

Fonte: Elaborado pelos autores com base no acervo do Projeto Brincadas (2024)

A intervenção da coordenadora introduz um deslocamento importante na dinâmica argumentativa da reunião. Ao utilizar marcadores de encerramento como “tá bom” e “vamos deixar”, a coordenadora delimita simbolicamente o término daquele eixo de debate e redireciona a discussão para a organização prática das atividades formativas. Ademais, a repetição do marcador “tá bom” funciona como uma estratégia de fechamento progressivo do tópico e opera como um recurso de controle da interação e de delimitação do campo argumentativo.

Esse movimento é acompanhado por gestos corporais que reforçam sua função mediadora. Conforme ilustrado na Imagem 2, a coordenadora eleva ambos os braços e abre as mãos no momento em que afirma “Não quero perder tempo com a BNCC”, gesto que sinaliza simultaneamente a interrupção do conflito e a retomada da condução da atividade.

Imagem 2- Gesto de mediação da coordenadora



Fonte: Acervo do Projeto Brincadas (2024)

Cabe destacar que o gesto de elevação dos braços, associado à abertura das mãos, pode ser interpretado como um recurso multimodal (Kress, 2010) de autoridade e regulação, que sinaliza simultaneamente interrupção, síntese e redirecionamento da atividade.

A intervenção da coordenadora pode ser interpretada como um movimento de mediação discursiva, no qual a liderança argumentativa reorganiza o campo interacional da reunião. Ao deslocar o foco da discussão ideológica para o

planejamento das atividades, Fernanda transforma o confronto de perspectivas em ponto de partida para a elaboração coletiva de encaminhamentos pedagógicos.

Sob a perspectiva da argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2016), esse movimento evidencia que a construção de sentidos no grupo não depende da eliminação das divergências, mas da capacidade coletiva de reorganizar o dissenso em direção a novos horizontes de ação.

Ao redirecionar a discussão para o planejamento das atividades pedagógicas, a coordenadora transforma o confronto de perspectivas em ponto de partida para a elaboração coletiva de encaminhamentos formativos. Nesse processo, diferentes vozes passam a contribuir para a construção compartilhada das decisões do grupo, configurando um movimento de coautoria discursiva.

Entretanto, essa coautoria não se configura de forma homogênea, mas emerge como um processo situado, no qual a participação dos sujeitos se distribui de maneira assimétrica, evidenciando diferentes graus de agência na construção dos encaminhamentos coletivos.

Assim, o episódio analisado evidencia que o dissenso não constitui ruptura no processo argumentativo, mas condição produtiva para a construção coletiva de significados e para a elaboração de práticas pedagógicas críticas no contexto formativo investigado.

O movimento de mediação realizado pela coordenadora reorganiza o fluxo interacional e cria as condições para a continuidade da atividade coletiva. Ao transformar o dissenso em ponto de inflexão para a ação, a interação desloca-se progressivamente do plano da controvérsia para o plano da organização prática do trabalho pedagógico.

É nesse contexto que se insere o excerto apresentado no Quadro 3, no qual se observa a consolidação desse deslocamento, com a definição dos encaminhamentos operacionais da atividade e a estabilização provisória das tensões anteriormente mobilizadas.

Quadro 3 – O dissenso como ponto de inflexão para a ação coletiva

Coordenadora: Então, o que eu quero saber agora é bem prático. A gente vai ter 45 minutos para preparar do... do conto. Bem tem 15 minutos porque cada um vai ter que apresentar em 5 minutos. Então, que seja 15 a 20 minutos. Eu vou botar assim, a gente sabe que não vai ser. E aí, até às 11:30 a gente terá terminada discussão tudo mais do conto, apresentação das performances e discussões das performances. Certo? Pesquisador Fran: Isso.
--

Fonte: Elaborado pelos autores com base no acervo do Projeto Brincadas (2024)

O excerto apresentado no Quadro 3 registra o momento em que a coordenadora retoma a condução prática da reunião, organizando o tempo destinado às atividades previstas para o encontro formativo. Ao detalhar a distribuição do tempo — “45 minutos para preparar”, “15 a 20 minutos”, “até às 11:30” — a coordenadora consolida o deslocamento da interação do plano do debate conceitual para o plano da organização da ação coletiva.

Ao final de sua explicação, Fernanda formula a pergunta “Certo?”, que funciona como um convite à ratificação coletiva da proposta apresentada. No entanto, observa-se que apenas um dos pesquisadores presentes responde explicitamente à pergunta — “Isso”, proferido por Fran — enquanto os demais participantes permanecem em silêncio.

Esse silêncio coletivo não deve ser interpretado como ausência de posicionamento, mas como um mecanismo interacional de alinhamento implícito, por meio do qual o grupo sinaliza aceitação da orientação proposta sem a necessidade de novas intervenções verbais.

Sob uma perspectiva mais analítica, esse silêncio pode ser compreendido como um recurso interacional polifônico, que simultaneamente sinaliza alinhamento, reconhecimento da autoridade da coordenadora e economia da participação, o que evidencia a complexidade das formas de engajamento na interação.

Contudo, essa interpretação demanda ser problematizada à luz dos pressupostos da argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2016; 2018; 2019; Modesto-Sarra; Liberali, Carmona, 2026) e da colaboração crítica (Magalhães, 2014) que orientam o trabalho do Grupo LACE. Nesse enquadramento, a coautoria discursiva implica a participação ativa dos sujeitos na construção dos encaminhamentos coletivos.

Dessa forma, a ausência de manifestações verbais explicita uma tensão entre a condução da atividade e as possibilidades efetivas de engajamento dos participantes, indicando que a colaboração crítica nem sempre se realiza de forma plena, mesmo em contextos que a têm como princípio orientador.

Essa tensão evidencia que a coautoria, em contextos formativos, deve ser compreendida como um processo dinâmico, atravessado por relações de poder, organização da atividade e gestão do tempo interacional.

Nesse sentido, a resposta breve de Fran opera como uma ratificação mínima, que funciona como índice de concordância suficiente para permitir a continuidade da atividade. A ausência de outras manifestações verbais indica que o grupo reconhece a legitimidade da condução da coordenadora e aceita o encaminhamento apresentado. Tal dinâmica evidencia o que Gonçalves-Segundo (2024) denomina racionalidade colaborativa, na qual a construção de decisões coletivas não depende necessariamente da participação verbal de todos os interlocutores, mas da criação de condições interacionais que permitam o avanço da ação conjunta.

Desse modo, o episódio evidencia que a coautoria discursiva no grupo se manifesta tanto por meio de confrontos argumentativos quanto por formas sutis de participação, como o silêncio responsivo e as ratificações mínimas. Esses recursos contribuem para estabilizar temporariamente o dissenso anteriormente exposto e possibilitam que o grupo avance para a etapa seguinte do planejamento formativo.

A partir dessa compreensão, a análise evidencia que o dissenso se configura como operador formativo na interação, ao desencadear reposicionamentos discursivos, reorganizar a participação e possibilitar a construção de sentidos compartilhados, de caráter provisório e situado.

Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo evidencia que o dissenso se configura como elemento estruturante das práticas argumentativas em contextos formativos e atua como condição produtiva para a construção coletiva de sentidos. Longe de representar ruptura ou obstáculo ao diálogo, o confronto entre diferentes perspectivas pode operar como motor para a produção coletiva de novos significados.

No episódio analisado, a argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2016; 2018; 2019; Modesto-Sarra; Liberali, Carmona, 2026) possibilita a transformação de conflitos em processos de coautoria, nos quais diferentes vozes participam ativamente da produção de significados. Esse movimento se materializa tanto por meio de intervenções verbais quanto pela mobilização de recursos corporais e interacionais, o que evidencia o caráter multimodal da argumentação e sua constituição situada nas práticas sociais.

Os resultados também indicam que a mediação discursiva desempenha papel central na reorganização das interações e permite que o grupo avance da explicitação

do dissenso para a construção de encaminhamentos pedagógicos compartilhados. Nessa perspectiva, a liderança argumentativa atua na articulação entre conflito e colaboração e favorece a continuidade do processo formativo.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para a interface entre discurso e argumentação ao evidenciar a centralidade do dissenso, da multimodalidade e da coautoria na constituição dos processos argumentativos. Ao articular essas dimensões, amplia-se a compreensão da argumentação como prática social situada, que envolve não apenas a defesa de posições, mas a negociação coletiva de sentidos em contextos marcados por relações de poder e desigualdade.

No campo da educação, os resultados reforçam a relevância de práticas formativas que valorizem o diálogo, o confronto produtivo de perspectivas e a construção compartilhada de conhecimentos. Ao reconhecer o dissenso como recurso pedagógico, abre-se espaço para a formação de sujeitos capazes de problematizar a realidade, posicionar-se criticamente e participar de processos de transformação social.

Por fim, destacamos, como limitação deste estudo, que as análises aqui apresentadas se referem a um recorte específico de um processo formativo mais amplo, o que indica a necessidade de investigações futuras que aprofundem a análise da argumentação multimodal colaborativa (Liberali, 2016; 2018; 2019; Modesto-Sarra; Liberali, Carmona, 2026) em diferentes contextos educativos. Ainda assim, os resultados apontam para o potencial dessa abordagem na construção de práticas pedagógicas críticas, dialógicas e socialmente comprometidas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Fontes

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> Acesso em: 24 mar. 2026.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2017.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Capacidades argumentativas de professores e estudantes da educação básica em discussão. In: PIRIS, Eduardo Lopes; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. **Discurso e argumentação em múltiplos enfoques**. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 167-190.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Ed. UnB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Marcelino. **Angu de sangue**. São Paulo: Ateliê, 2000.

FREIRE, Marcelino. **Balé Ralé: 18 improvisos**. São Paulo: Ateliê, 2003.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Afinal, o que é um argumento? **Revista Linha D'Água**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 197-227, 2024. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/en/article/view/221360>. Acesso em: 10 mar. 2026.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Perspetivismo e Argumentação**. Coimbra: Grácio Editor, 2013.

KRESS, Gunther. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. USA and Canada: Routledge, 2010.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Articulação entre argumentação e multimodalidade em contextos escolares. In: LIBERALI, Fernanda Coelho et al. (orgs.). **Argumentação em contexto escolar: relatos de pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. p. 63-78.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Argumentação multimodal na compreensão e na transformação de contextos escolares. In: PIRIS, Eduardo Lopes; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de (orgs.). **Discurso e Argumentação: fotografias interdisciplinares**. Coimbra: Grácio Editor, 2018. p.173-196.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Argumentação na opressão destrutiva e na colaboração crítica: do cenário político do impeachment ao contexto do projeto Digit-m-ed. In: SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; TÍLIO, Rogério Casanovas; MELO, Glenda Cristina Valim (orgs.). **Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada: perspectivas sul-americanas**. São Paulo: Pontes Editores, 2019, p. 261-295.

LIBERALI, Fernanda Coelho. Multiletramento Engajado para a prática do bem viver. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v.22, n.1, p. 125-145, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KmYMbTKgh4MLvKvqMBMCQRk>. Acesso em: 22 mar. 2026.

LIBERALI, Fernanda Coelho; FUGA, Valdete Pereira; VENDRAMINI-ZANELLA, Daniela; MAZUCHELLI, Larissa Picinato; KLEN-ALVES, Viviane; MODESTO-SARRA, Luciana Kool; OLIVEIRA, Everton Pessoa de; RODRIGUES, Penélope Alberto; PEJÃO, Rafael da Silva Tosetti. A vivência crítico-colaborativa para a superação das opressões. **Psicologia da**

Educação, [S. l.], n. 54, p. 51–61, 2023. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/61228>. Acesso em: 23 mar. 2026.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRIS, Eduardo Lopes. A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de ethos e de pathos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 2, p. 52-62, 2012.

PIRIS, Eduardo Lopes; PINTO, Rosalice; SOUZA, Gilton Sampaio de. Apresentação: A argumentação nas práticas sociais. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 6-17, 2019.

Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/issue/view/23/showToc>. Acesso em: 21 mar. 2026.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Trad. Rui Alexandre Grácio e Martina Matozzi. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. Escolhas teórico-metodológicas em pesquisas com formação de professores: as relações colaborativas críticas na constituição de educadores. In: MATHEUS, Elaine; OLIVEIRA, Nilceia Bueno. (orgs.). **Estudos críticos da linguagem e formação de professores/as de línguas**: contribuições teórico-metodológicas. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 17-47.

MODESTO-SARRA, Luciana Kool; LIBERALI, Fernanda Coelho; CARMONA, Milena Maria Nunes de Matos. Entre discurso e ação: argumentação multimodal colaborativa em contextos de educação engajada. **Revista Signo**, [S. l.], v. 51, n. 101, p. 119–131, 2026. DOI:

<http://doi.org/10.17058/signo.v51i101.21193>. Disponível em:

<https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/21193>. Acesso em: 7 set. 2026.

MODESTO-SARRA, Luciana Kool; CARMONA, Milena Maria Nunes de Matos; LIBERALI, Fernanda Coelho. Encenação e publicização do argumento: multimodalidade e agência coletiva. **Revista Línguas & Letras**, [S. l.], v. 27, n. 62, 2026. DOI: <http://doi.org/10.5935/1981-4755.v27n62a05>. Disponível em: [https://e-](https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/37161)

[revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/37161](https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/37161). Acesso em: 7 set. 2026.

TINDALE, Christopher William. Uma abordagem antropológica da argumentação. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). **Argumentação e discurso na multidisciplinaridade**. Campinas: Pontes, 2024. p. 55-88.

TOULMIN, Stephen Edelston. **Os usos do argumento**. Tradução de Reinaldo Guarany. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.